



A Construção Social da Agroecologia na Amazônia

Um Olhar Sobre a Realidade Paraense

The Social Construction of Agroecology in the Amazon

A look the Reality paraense

GOMES, Rodrigo¹; SILVA, Franciara²; SOUSA, Romier³

1 Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal, rodrigogomes_20@hotmail.com; 2 Instituto Internacional de Educação do Brasil, franciara@iieb.org.br; 3 Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal, romier.sousa.ifpa@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar a importância da participação dos movimentos sociais na construção do movimento agroecológico da Amazônia paraense, tendo em vista que a construção do movimento agroecológico na Amazônia, conseqüentemente no estado do Pará ocorreu de forma distinta das outras regiões do Brasil. A metodologia empregada é qualitativa, os procedimentos escolhidos para a coleta de dados foram três: Levantamento bibliográfico, Análise documental e Entrevista a atores chave. Os estudos realizados apontam que esse grupo teve uma importância fundamental no processo de animação do movimento agroecológico no estado do Pará.

Palavras-chave: Agroecologia; Construção do Conhecimento; Movimentos Sociais.

Abstract

This paper aims to demonstrate the importance of the participation of social movements in the construction of agro-ecological movement of Pará Amazon, considering that the construction of the agro-ecological movement in the Amazon, hence the state of Pará occurred differently from other regions of Brazil. The methodology is qualitative, the procedures used for data collection were three: Bibliographic survey, document analysis and interview key players. Studies show that this group had a fundamental importance in the agro-ecological movement animation process in the state of Pará.

Keywords: Agroecology; Construction of Knowledge; Social Movements.

Introdução

Partimos da percepção de que nos últimos dez anos, de modo geral, houve no contexto brasileiro uma expansão em torno do enfoque agroecológico. Estamos falando de uma discussão que até meados da década de 1970 era bastante insipiente no país e que atualmente está presente em importantes políticas públicas, a exemplo da Política Nacional de Extensão Rural e Assistência Técnica (PNATER), em programas de acesso a mercados institucionais como o Programa Nacional de



Alimentação Escolar (PNAE), nos centros de pesquisa, nas Universidades e Institutos Federais, seja por meio dos grupos de pesquisa ou através dos cursos específicos em Agroecologia e ainda os que discutem a Agroecologia como temática transversal (SOUSA; MARTINS, 2013).

Do ponto de vista de uma visão mais histórica da construção social da Agroecologia no Brasil, mesmo sendo um processo histórico recente, diversos esforços têm sido desprendidos nesse sentido por autores como Petersen; Almeida (2006), Luzzi (2007) e Padula *et al.*(2013). Contudo, para a região amazônica, as referências que versam sobre a questão agroecológica ainda são bastante escassas e, praticamente inexistem em se tratando da sistematização do processo histórico de construção da Agroecologia em nível regional, portanto, o objetivo do trabalho é demonstrar a importância da participação dos movimentos sociais na construção do movimento agroecológico da Amazônia paraense.

Metodologia

Essa investigação caracteriza-se como qualitativa. Nesse tipo de pesquisa os dados são expressos de forma descritiva e com base na interação de pessoas e/ou lugares, através do contato direto do pesquisador com o meio estudado. A lente empregada no estudo das pessoas e do ambiente deve ser holística e não reduzida a variáveis (GODOY, 1995).

Os procedimentos escolhidos com a finalidade de garantir a coleta de dados necessários à pesquisa foram três: levantamento bibliográfico, análise documental e entrevistas. Optou-se por fazer uso da identidade original do sujeito, assegurado por autorização verbal realizada por todos no momento da concessão das entrevistas. Os dados levantados pelas diferentes ferramentas metodológicas utilizadas foram tratados qualitativamente.

Resultados e discussões

No período que compreende o final dos anos 1980 e toda a década de 1990, diferentes temáticas motivavam os atores que até então davam corpo a ações que posteriormente poderemos chamar de movimento agroecológico paraense. No âmbito da pauta dos agricultores a luta pela terra e pela permanência na terra, a



Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) e o fomento à produção assumiam nos anos 1980 a preocupação central dos agricultores. É neste contexto e em função dessas reivindicações que a reorganização dos trabalhadores rurais se dá de modo mais intenso. No Sul e Sudeste do Pará, por exemplo, o movimento sindical ressurgiu através dos Sindicatos Rurais de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STT's), contando com significativo apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e das CEB's (ASSIS, 2007).

Diante do contexto vivenciado na década de 1990 e da demanda cada vez mais consistente por um espaço mais amplo de discussão em nível nacional, pode-se afirmar que os anos 2000 foram a década de construção e consolidação das articulações em rede, sendo também o período em que a região amazônica se insere de maneira mais articulada ao movimento Agroecológico brasileiro.

Assim, já no início da década ocorre nacionalmente intenso movimento de preparação para o I Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), a partir de uma reunião no Rio de Janeiro ainda em 2001, que se define além do público e das temáticas, a comissão que seria responsável por convocar o encontro, composta por representações dos diferentes atores entre ONG's, organizações de representação dos agricultores como as Federações Sindicais e os movimentos sociais, entre outros e que passam a encorpar as discussões no âmbito nacional (RELATÓRIO, 2001).

Pensado para ser um evento construído a partir das bases para o nível nacional, a proposta era consolidar os espaços regionais para discutir e principalmente divulgar a agricultura sustentável. A edição do jornal ECO-PCTA¹ logo após a realização do encontro reforça esta convocação:

“[...] Portanto, o GTNA como um dos animadores para a região Norte espera-se a colaboração, participação e envolvimento de todos para viabilizar uma ótima participação

¹ O informativo ECO-PCTA era uma produção da coordenação do PCTA, constituía uma ferramenta de disseminação do conhecimento e socialização das experiências em Agroecologia, além de ser utilizado como mecanismo de mobilização para as ações.



da Amazônia. Neste sentido, o PCTA será um espaço privilegiado para uma estratégia de participação conjunta” (ECO-PCTA, ano 7, nº 18, set./2001).

Um aspecto de grande relevância que marca esta nova fase do campo agroecológico brasileiro é a maior participação dos movimentos sociais, verificada já na lista de convocadores do I ENA. Ainda que a presença de alguns dirigentes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) em 1987 no III EBAA seja apontada por Padula *et al.*, (2013) como o início da aproximação entre os movimentos sociais do campo e o movimento da agricultura alternativa, até os anos 2000 a centralidade das agendas e das pautas de reivindicações deste segmento da sociedade civil não era a Agroecologia ou temáticas diretamente a ela relacionadas, mas sim a questão da terra, do crédito e da Assistência Técnica (LUZZI, 2007).

De acordo com Ulisses Manasses (entrevista, dez./2014), no caso do MST, o debate da Agroecologia não estava nos primórdios do movimento e ganha espaço nas discussões internas nesse período supracitado, principalmente como uma referência de agricultura saudável e, motivados pela seguinte razão:

“O nosso espaço do território, a nossa disputa territorial ela acontecia na Amazônia, num ecossistema muito complexo, e muito diferente, por exemplo, daquilo que o MST já experimentava como experiência organizativa no Sul e Sudeste brasileiro [...] a Agroecologia chega a partir dessa leitura da Amazônia, que era necessário então uma agricultura muito mais complexa que estivesse relacionada ao bioma amazônico e que levasse em consideração também os atores sociais presentes na Amazônia, então a partir do final dos anos 90, início dos anos 2000 que essa leitura chega no estado do Pará [...]”(Ulisses Manasses, entrevista, dez./2014).

A questão agroecológica passa a ser pautada dentro dos movimentos na medida em que estes percebem as limitações que seus projetos possuíam, principalmente na manutenção e efetivação dos direitos pelos quais lutavam, isto é, garantir o acesso a terra, ter apoio financeiro e a assistência. No entanto, com exceção do aspecto da coletivização dos meios de produção, no caso do MST, o modelo pensado era de



continuar imprimindo a lógica produtivista do latifúndio e apenas a partir da década de 1990 é que isso passa a ser encarado como uma contradição (LUZZI, 2007).

Conclusões

As organizações de representação dos agricultores, especialmente os movimentos sociais, apesar da entrada “tardia”, consideramos que este foi um passo fundamental para que muitas das conquistas alcançadas se materializassem, em especial quando se pensa nas políticas públicas. Entretanto, avaliamos que em um plano mais regional, a participação deste segmento precisa ser fortalecida, pois em alguns casos isso se dá ainda de maneira muito restrita.

Referências bibliográficas

ECO-PCTA, Jornal. ano 07, nº 18, set./2001.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

LUZZI, N. **O Debate Agroecológico no Brasil: Uma Construção a Partir de Atores Sociais**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Rio de Janeiro, 2007.

PADULA, J.; CARDOSO, I. M.; FERRARI, E. A.; SOGLIO, F. K. D. Os caminhos da Agroecologia no Brasil. *In.*: GOMES, J. C. C.; ASSIS, W. S. **Agroecologia: princípios e reflexões conceituais**. Volume 1. Brasília – DF: Embrapa, 2013. 39-72 p.

PETERSEN, P.; ALMEIDA, S. G. **Rincões transformadores: trajetória e desafios do movimento agroecológico brasileiro - uma perspectiva a partir da Rede PTA**. Rio de Janeiro, 2006.

RELATÓRIO de preparação para o I Encontro Nacional de Agroecologia. Rio de Janeiro. Não paginado. 2001.

SOUSA, R. P.; MARTINS, S. R.; Construção do conhecimento agroecológico: desafios para a resistência científico – acadêmica. *In.*: GOMES, J. C. C.; ASSIS, W. S. **Agroecologia: princípios e reflexões conceituais**. Volume 1. Brasília – DF: Embrapa, 2013. 73 -108 p.